

WELLINGTON CÉSAR MARTINS LEITE

## “ALÔ, ALÔ, OUVINTES: NO AR, O RÁDIO EM BAURU”, DE JOÃO FRANCISCO TIDEI LIMA

---

*“THE RADIO IN BAURU”, BY JOÃO FRANCISCO TIDEI LIMA*

---

*“LA RÁDIO EN BAURU”, DE JOÃO FRANCISCO TIDEI LIMA*

*Recebido em: 21 jan. 2014*

*Aceito em: 05 ago. 2015*

**Wellington César Martins Leite:** Universidade Estadual Paulista (Bauru-SP, Brasil)  
Mestrando do curso de Pós-graduação em Comunicação Midiática da UNESP - Bauru. Radialistas há 7 anos no ar. Diretor do Sindicato dos Radialistas de Bauru e Região.  
**Contato:** [wellington\\_cml@hotmail.com](mailto:wellington_cml@hotmail.com)

ISSN (2236-8000)

resenha

**RESENHA DE:**

LIMA, João Francisco Tidel. Alô, alô, ouvintes: no ar, o rádio em Bauru. São Paulo: Bazar Editorial, 2013. 279 p. ISBN: 9788563795076

O professor João Francisco Tidei Lima conseguiu reunir a história do rádio bauruense, mesmo antes do seu início oficial em 1934, até meados da década de 1970. Para os interessados no rádio da cidade, marco importante, já que só contávamos com uma publicação (custeada pela prefeitura de Bauru).

Capítulo a capítulo, o professor João Francisco usa o rádio como fio condutor para as histórias de Bauru, de seus pioneiros, políticos (radialistas ou não), de sua imprensa e, de certo modo, dos personagens mais marcantes na vida da cidade.

No primeiro capítulo, Tidei Lima enfoca a formação da cidade e sua posição como polo regional, até 1920: a ferrovia, o café, a caça aos caingangues, a força do comércio, o nascimento do Noroeste F. C. em 1901, o poeta Rodrigues de Abreu e o pioneirismo de João Simonetti.

Dos capítulos 2 a 6 a influência de Getúlio: o uso que Vargas fez do rádio e o populismo encobrindo as divisões de classe; a explosão comercial do invento de Marconi no mundo e aqui (desmontando a ideia de que Bauru foi a segunda emissora do interior, mas somente a primeira do Centro-Oeste Paulista) com a PRG-8; os frutos da amizade entre o visionário Simonetti e o presidente da República; os anos de guerra e o crescimento do radiojornalismo; o começo da chamada "grande imprensa" e sua predileção pelas elites em detrimento da maioria dos brasileiros; e o uso do rádio na política local.

Nos quatro próximos capítulos, João Francisco Tidei Lima mostra a concorrência exigindo profissionalismo e suplantando o romantismo dos pioneiros. É dessa época as grandes audiências (nunca superadas), o rádio transistorizado e a pilha levando a Copa de 1958 a milhares de brasileiros e o disco 78 rotações apresentando ao Brasil e ao mundo a Bossa Nova.

O autor destaca o linguajar formal utilizado pelos profissionais do rádio nesse período e a chegada da TV Bauru, canal 2 (logo vendido às Organizações Victor Costa, dona da TV Paulista, rádios Excelsior e Nacional de São Paulo).

Com a censura decretada pela oposição golpista, contra a posse do presidente João Goulart, é formada a Rede da Legalidade: o rádio ainda encabeçava os debates nacionais. Em Bauru, a aproximação do ideais getulistas fez com que emissoras (e igrejas) assumissem posições progressistas, contra o golpe.

O professor, também radialista, deixa o capítulo 11 para suas ternas lembranças, como a datilografia (em duas vias, a carbono) de notícias, as peripécias de radialistas para executarem seu trabalho e para viverem com o salário que nunca chegava, homenagens merecidas não somente a donos de rádio, mas a trabalhadores que realmente faziam as emissoras funcionar.

Nos capítulos seguintes, até o 21, João Francisco narra os problemas que o golpe militar, bem no dia da mentira, causou ao país e ao rádio até hoje: rádios invadidas por hilários encapuzados de uma organização chamada FAC (frente anti-comunista); perseguição, prisão, morte e tortura à população, sindicalistas, profissionais liberais, vereadores, prefeitos, etc.; a

ação do Sindicato dos Radialistas tentando garantir um mínimo de direitos aos demitidos e caçados pelo novo regime; a censura crescente. E o rádio adaptando-se como podia, com Jovem Guarda, Carnaval e futebol.

Como sabemos, aos que apoiavam a ditadura, benesses: a anteriormente mencionada Organizações Victor Costa passa o Canal 2, a TV Bauru, à Rede Globo. A Rede Piratininga de rádio foi paulatinamente levada à bancarrota. A Cadeia “Verde Amarela” dos Saad (rede Bandeirantes) compra a rádio Terra Branca.

Em 1968, ano do AI-5, morre João Simonetti. O autor enumera: “centenas de presos, mortes e torturados, milhares de exilados, 321 cassações de mandatos parlamentares, demissões e aposentadorias de centenas de funcionários, de professores universitários, censura implacável de noticiosos de emissoras de rádio e televisão, além de jornais e revistas, proibição ou mutilação de cerca de 500 filmes, 450 peças de teatro, 200 livros, mais de 500 letras musicais, cenas de telenovelas ou telenovelas inteiras”. Nenhum nome de brasileiro ou bauruense preso, exilado ou morto foi mencionado pela imprensa.

Com o aumento da violência da ditadura, soma-se o crescimento da TV, levando embora a maior parte dos rendimentos publicitários do rádio. As inovações dos radialistas são incríveis. O esporte parecia salvar a pátria do tédio e as emissoras da falência. Aparentemente, apenas para Dom e Ravel, os autores de “Eu te amo meu Brasil”, tudo ia às mil maravilhas, já que essa música estava no ranking das mais executadas no período. Já a MPB, cheia de críticas e pedidos de liberdade, leva suas últimas punhaladas. Emissoras foram punida por tocar as mais contrárias aos generais.

Falando de astros do rádio da década de 1970, o professor João Francisco cita João Bidu (de locutor a astrólogo) e Flávio Pedroso e sua grande irreverência e pensamento rápido, criador de modas. Ambos eram nomes que ajudavam a manter a audiência e o rendimento das emissoras locais.

No capítulo 22, o enfoque é para o grande número de radialistas que se aventuraram pelos caminhos da política, usando a fama conseguida através do rádio (algo também comum hoje, com a candidatura e eleição de celebridades construídas pela TV). O interesse dos radialistas bauruenses pela política pode ser criticada sob vários aspectos, mas trouxe, entre outras coisas, a UNESP e a rádio UNESP FM para Bauru.

Completando o livro, o autor coloca uma entrevista com o importante locutor esportivo Fiori Gigliotti na íntegra (capítulo 23) e um pequeno complemento fotográfico homenageando os herdeiros do clã Simonetti, José Esmeraldi e sua “inesgotável” memória sobre o rádio e a família do autor (capítulo 24).

Para finalizar, indicamos leitura atenta da bibliografia citada pelo professor João Francisco Tidei Lima. Indispensável aos que querem estudar o rádio de Bauru e pensar o meio de forma contextualizada. O autor consegue listar pesquisadores e radialistas bauruenses que dedicaram publicações e pesquisas ao rádio, entre eles: Márcio ABC, Zarcilo Barbosa, Irineu de Azevedo Bastos, Sandro Caldeira, Nilson Ghirardelo, Fausto Gamba Gonçalves, Rosana Poli, Carlos Fernandes de Paiva, Antônio Pedroso Júnior, Roberto Rufino, Lúcia Helena Sant’Agostinho, Alcides Silva, Paulo Sérgio Simonetti, Munir Zalaf e Terezinha Zanlochi. Muitos

destes, ainda atuantes no rádio e nas universidades de Bauru.

Bela homenagem ao velho rádio e a todos os radialistas bauruenses, mesmo aos que não foram nominalmente citados.